

FOTOGRAFIA DE ARQUIVO

Dois momentos se interpenetram na superfície da folha em branco: o passado em processo do *curriculum vitae* e o presente da escrita que esboça seu comentário. No ato de confluência da reescrita, encontra-se, de um lado, o texto que descreve, sucinta e cronologicamente, o trajeto acadêmico, acompanhado de documentação fidedigna — declarações e comprovantes; de outro, a atualização, na tessitura lisa do papel, do texto que reconta e seleciona os dados ordenadamente arrolados no *curriculum*.

Constituído de provas que inscrevem o sujeito no meio acadêmico e institucional, o arquivo pessoal fornece-lhe a biografia e devolve-lhe a imagem em forma de números e títulos. Espaço em que se privilegiam, na apresentação dos dados, a hierarquia, a seleção e os critérios de valor, contribuindo para a composição do perfil imaginário de um determinado ator da organização acadêmica. Texto que se traduz ainda em capital simbólico, avaliado pelo acúmulo de bens armazenados em lenta duração temporal. O sujeito, peça desta máquina, submete-se ao controle do sistema social e é contabilizado pelo que representa na instituição e fora dela.

Examinando a própria estrutura do *curriculum vitae*, depreende-se o gradativo apagamento da dimensão aurática do sujeito: abaixo dos dados (im) pessoais — registro e número de documentos — o texto relata a formação acadêmica, cuja legitimação é fornecida pelo outro. O sujeito participa do ritual e, aos poucos, vai buscando o traço particular que lhe permite pensar na diferença, embora sabendo o quanto é poderosa e tranquilizadora a força da semelhança. Nas linhas seguintes, o perfil se compõe mais nitidamente com a integração maior do sujeito no corpo institucional — a aceitação pela comunidade e o reconhecimento de títulos. As realizações mais recentes revelam preocupações voltadas para as atividades que trazem a assinatura do grupo — projetos coletivos, participação em comissões, editoração de livros, organização de eventos.

Na fotografia instantânea desse texto delinea-se a formação de um corpo institucional e histórico que compõe, com o

corpo individual, ou um diálogo em diferença e conflito, ou uma rede de associações. Corpo semiológico que atravessa a escrita do *curriculum vitae* e reconstrói a vida no interior das leituras realizadas, das predileções literárias, dos modelos inventados. Madame Bovary às avessas. Não é também a crítica, no entender de Piglia, uma das formas modernas da autobiografia, na medida em que alguém escreve sua vida quando acredita escrever suas leituras?²⁷

A fria objetividade do corpo textual — comprovante dos dados biográficos — vai cedendo ao impacto do olhar que reelabora acontecimentos, desloca datas e desconstrói espaços fossilizados. Questionam-se os elos que prendem o sujeito a períodos marcados por posição teórica mais rígida e refaz-se o caminho enunciativo do próprio texto da memória. Identidades são nuançadas, autores re-lidos, revisadas as páginas escritas. O arquivo pessoal oferece-se à leitura na sua forma fragmentária, com textos riscados e rasurados pelo traço de hoje, reescrita que se movimenta em ritmo cambaleante e tortuoso, à feição do ensaio dramático da experiência.

Embora se esforce por obedecer à continuidade temporal do relato, preenchendo vazios ou apagando erros, a releitura desse arquivo desliza no compasso descontínuo e vertical dos acontecimentos, sabendo-se que essa arqueologia irá comprovar, segundo Foucault, "que nós somos diferença, que nossa razão é a diferença dos discursos, nossa história, a diferença dos tempos, nosso eu, a diferença das máscaras".²⁸

Escaparão por certo as manifestações relativas ao não-dito, ao recalçado — os gestos, as vozes embalsamadas pela escrita, as paixões pessoais, a explicação que resta dos textos inacabados ou dos projetos inconclusos. A enunciação desse silêncio dependerá da escuta atenciosa de quem souber ouvir nas entrelinhas.

²⁷ Cf. PIGLIA. *Crítica y ficción*.

²⁸ FOUCAULT. *L'archeologie du savoir*, p.172-173. (Tradução da autora.)

A escrita decifra o texto-arquivo como palimpsesto, inscrito em camadas sobrepostas que ora aparecem, ora se esvaem: a rasurada e a da superfície. Permanece infinitamente nesse texto o convite à aventura do desvelamento e do apagar das letras, motivado pelo gesto enunciativo que adia ou apressa sua leitura. Impossível manter a ilusão de que se constroem imagens plenas, quando se reconhece ser a escrita o suplemento do vivido, simulacro produzido pelo jogo contínuo de presença e ausência.

Não seria o *Memorial* uma forma de resgatar o traço perdido da assinatura, a imagem esgarçada do sujeito, ao revitalizar o *curriculum vitae*, retirando-lhe sua condição de arquivo morto e de rigidez documental? Ou seria a citação de um manuscrito desconhecido do próprio autor?

De que é feito um texto? Fragmentos originais, montagens singulares, referências, acidentes, reminiscências, empréstimos voluntários. De que é feita uma pessoa? Migalhas de identificação, imagens incorporadas, traços de caráter assimilados, tudo (se é que se pode dizer assim) formando uma ficção que se chama o eu.²⁹

O sujeito, ao ser convocado ao retorno da cena e à participação do ritual de investidura de Professor Titular, vê-se obrigado à justificativa do sentido de seu texto acadêmico, tanto na condição de representante de uma classe, como de responsável por um trabalho privado. O discurso próprio e o esforço individual — traços de uma determinada subjetividade — não se desvinculam de um diálogo contínuo com o outro, nem se afastam de um relacionamento sempre conflituoso com a comunidade. O gesto isolado, a prática individualista ou o corporativismo representam o avesso do perfil acadêmico, delineado com o objetivo de manter em equilíbrio as forças contrárias, para o regular funcionamento do sistema. As diferenças individuais, a serviço de uma abertura ideológica mais produtiva, sustentam a dinâmica das relações institucionais.

²⁹ SCHNEIDER. *Ladrões de palavras*, p.15.

Mas a comunidade universitária experimenta, como outras, o jogo competitivo, o debate ideológico e a luta pelo poder. A constatação desse panorama real oferecido pelo ambiente acadêmico revela que a diferença, ao invés de atuar como meio de ampliação do horizonte do saber, é utilizada como reconhecimento de individualidades e entronização de "excelências".

No interior desse quadro complexo é que a fala do sujeito oscila, ao perceber que não existem mais segredos "científicos" ou discursos legitimadores; a pesquisa, realizada por equipes, dilui a figura do professor, que mantém com os colegas e alunos um relacionamento menos hierárquico. A exteriorização gradativa do saber, conquistada pelos meios mais eficazes de transmissão do conhecimento, exige do pesquisador mais empenho criativo e articulação interna das informações, já que os dados não são mais guardados a sete chaves. A geração atual desconhece o aprendizado solitário e autodidata de muitos de nossos mestres, cujo conhecimento era produto de uma maturação lenta e interiorizada.

Silviano Santiago, ao tecer considerações sobre *O Pós-Moderno* de Lyotard, resume o estatuto desse saber interiorizado e o exemplifica com o romance de formação e o romance de artista, subgêneros que dramatizariam essa prática.

A hipótese fundamental de Lyotard diz que o estatuto do saber mudou a partir dos anos 50, 60. Anteriormente, ele deveria fazer parte da formação (*Bildung*) espiritual de todo e qualquer indivíduo para que chegasse à condição de cidadão participante. Para isso, o indivíduo tinha de se entregar, desde a mais tenra idade, a um lento e gradativo processo de interiorização do saber, tanto de um saber universal multidisciplinar básico, quanto de um saber disciplinar e superior. A escola e os professores, donos de uma informação completa do saber, eram os principais responsáveis por esse trabalho junto aos alunos que, por definição,

tinham informações incompletas. O desnível justificava a autoridade do professor e a obediência do discípulo.³⁰

Oscila, portanto, o sujeito, na construção de um texto da memória, por constituir-se a meio caminho desse processo de conhecimento: nem autodidata nem submetido a um aprendizado cujo "segredo" se escondia no bolso do colete. Nossa geração, por ter participado de mudanças significativas na sociedade brasileira, dos anos 60 para cá, pôde ver, na década de 70 — apesar da repressão política — o grande avanço das ciências humanas, principalmente com a criação de cursos de pós-graduação no país.

A figura do orientador de teses é um elemento importante na elaboração desse quadro, por instaurar uma relação menos hierárquica entre professor e aluno, além de ser também co-responsável pela formação de grupos de pesquisas sobre assuntos comuns, instaurando a prática de um estudo mais sistematizado e democrático. Na UFMG, este ambiente foi favorecido pelo relacionamento sempre operante entre Maria Luiza Ramos e os colegas da disciplina, incentivando o trabalho em equipe e propiciando a abertura de novos rumos para os estudos de teoria da literatura.

Na PUC do Rio de Janeiro, onde obtive o título de Mestre em Literatura Brasileira, essa mudança de postura pode ser explicada pelo fato de seu corpo docente, nos anos 70, ser composto por professores jovens, de formação estruturalista — o que também contribuiu para o progressivo esvaziamento da imagem "plena" do sujeito, até então dominante nos professores da geração da cátedra.

A questão da "morte do sujeito", levada pelo estruturalismo às últimas conseqüências, suscitou inúmeras reações e polêmicas por parte dos que ainda cultivavam a idéia de um sujeito humanista. Barthes, Foucault e Lévi-Strauss — alguns dos responsáveis pelo "desaparecimento" do sujeito no discurso das ciências humanas — defendiam princípios que também concorriam

³⁰ SANTIAGO. A explosiva exteriorização do saber, p.5.

para a transformação da maneira de transmitir o saber: o pensamento anônimo, o teórico sem identidade e a supremacia do sistema sobre o indivíduo.

Sem enaltecer as particularidades individuais nem acentuar a supremacia institucional comprometedora do poder decisório do indivíduo, procede-se à revisita aos mestres, aos autores e textos significativos na constituição de um trajeto acadêmico. Citam-se pessoas, textos, fragmentos de teoria, pedaços de frases que permanecem na memória, como detalhes valiosos para o esboço do perfil intelectual do sujeito que seleciona e recolhe afinidades. Percebidas em tempo posterior ao instante em que realmente se processaram, essas afinidades se reformulam no presente, com o olhar que apara diferenças e afasta semelhanças duvidosas.

Citar é reescrever os empréstimos, reverenciar os mestres e, principalmente, reconsiderar o resíduo que ficou de determinado autor ou o que posteriormente foi percebido. O gesto de citar o outro desvincula-se do processo reativador de influências, por se entender que a transmissão de saberes se efetua por um sistema de trocas e doações.

O reconhecimento de modelos e estilos, que motivou mudanças de rumo teórico, de atitude acadêmica ou de um traço pessoal, não se restringe à busca de fundamentos e justificativas para o avanço ou recuo no passo teórico; repousa em citações e repetições de certos paradigmas que obedecem tanto a um impulso individual quanto às coincidências de ordem cultural. Ou, como afirma Borges no ensaio "Kafka e seus Precursores": "No vocabulário crítico, a palavra *precursor* é indispensável, mas teria que purificá-la de toda conotação de polêmica ou de rivalidade. O fato é que cada escritor *cria* seus precursores. Seu trabalho modifica nossa concepção de passado, como há de modificar o futuro".³¹

Esta primeira citação já inscreve Borges como o grande corpo textual que atravessa esta escrita, pelo fato de sua obra conter constante reflexão sobre a literatura e seus artificios. Citar Borges é citar a ficção como teoria. O deslocamento da noção de

³¹ BORGES. *Otras inquisiciones*, p.190. (Tradução da autora.)

tempo cronológico e do conceito de influência reverte o mapa da história da literatura, assim como a lingüística, a filosofia e a psicanálise reverteram o sistema de idéias e desconstruíram as questões de origem e filiação. Borges emblematiza, no grande texto da memória, a teoria da escrita como citação.

Em depoimento a uma revista francesa de literatura, *Le Bulletin des Lettres*, de Lyon, datada de 25 de janeiro/1933, um agente florestal confessou ser sua biblioteca construída apenas para uso particular. No ato de leitura, tinha sempre uma tesoura nas mãos para que pudesse cortar as passagens de que não gostava e conservar apenas as de sua preferência.³² Essa biblioteca, verdadeira *bricolage* de textos, consistia num amontoado de fragmentos, parágrafos da literatura mundial, restos conservados por um leitor específico — o agente florestal. Ao cortar os livros da mesma forma que se cortam as árvores, repete o gesto artesanal da leitura e da citação. O manuseio do papel, da tesoura e das letras simboliza, ainda, o ato de leitura como expiação e dilaceração. Mutilam-se corpos, sacrificam-se versos, e a citação promove a circulação do sentido, que irá depender do lugar em que foi enxertado.

A atitude do agente florestal scandalizou o público leitor da revista por ter tomado ao pé da letra a prática de citação que todos, sem exceção, exercem: selecionar, cortar, colar e recompor os textos conforme um determinado recorte pessoal.

Sem a obsessão do agente florestal, este texto terá igualmente como objetivo cortar fragmentos de obras, selecionar as afinidades e reconhecer as dívidas contraídas com vários autores. Constitui-se também como biblioteca pessoal e expõe as provas de amizades livrescas, de fantasias teóricas e literárias, ao lado dos retratos de época, volumes manuseados e rabiscados, ou de outros, esquecidos no fundo da estante. Adquirem nova feição os autores que são relidos pelo olhar de hoje, motivado por novo interesse teórico ou pela própria modificação que impuseram à sua obra.

O olhar percorre as prateleiras e seleciona os autores conforme a intensidade de leitura, de apropriação feita de seu texto.

³² Cf. COMPAGNON. *La seconde main*: ou le travail de la citation, p.27.

Na crítica de tradição francesa: Julia Kristeva, Roland Barthes, Antoine Compagnon, Gérard Genette, René Girard; na filosofia, Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jean-François Lyotard; na antropologia, Lévi-Strauss, Yvonne Verdier, Mary Douglas; na ficção, Jorges Luis Borges, Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Autran Dourado; na psicanálise, Freud; na crítica brasileira, Maria Luiza Ramos, Luiz Costa Lima, Dirce Riedel, Silviano Santiago. Os nomes se multiplicam e recebem, hoje, novas referências. As amizades mais recentes serão nomeadas no momento em que forem surgindo na escrita.